

SILVES *Algarve • Portugal*

ROTEIRO DE SILVES E SEU CONCELHO



ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS E DEFESA DO
PATRIMÓNIO HISTÓRICO-CULTURAL
DO CONCELHO DE SILVES

Fig. 1 - Algarve e Concelho de Silves

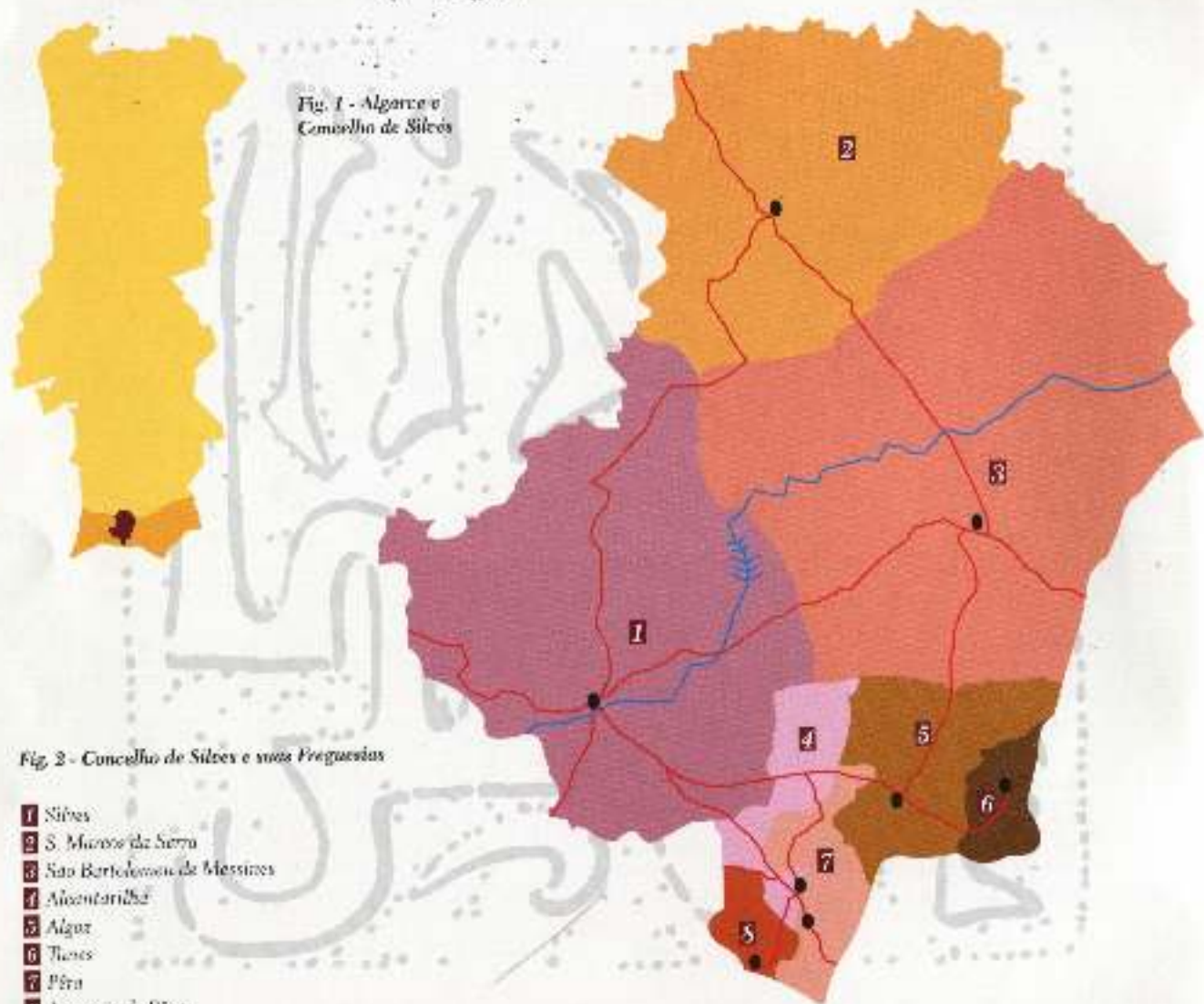


Fig. 2 - Concelho de Silves e suas Freguesias

- 1 Silves
- 2 S. Marcos da Serra
- 3 São Bartolomeu de Messines
- 4 Alcantarilha
- 5 Algor
- 6 Tunes
- 7 Pêra
- 8 Armação de Pêra

○ CONCELHO

No Barlavento algarvio, da fronteira com o Alentejo até ao oceano, estende-se o Concelho de Silves, um dos maiores do país com os seus 679 Km² de território (Fig. 1 e 2). As três zonas naturais algarvias - a Serra, o Barrocal e o Litoral - estão nele representadas, com clara vantagem para a Serra. Do mar a Silves, percorremos o litoral e o barrocal, ainda pouco montanhosos, formados sobretudo por calcários e barros, onde nasce uma característica vegetação local de sequeiro feita de amendoeiras, figueiras, alfarrobeiras ou oliveiras. Nas zonas de regadio, hortas e pertumadas pomares de citrinos, fazem hoje a imagem do Concelho e a sua maior fama: de Silves ao Baixo Alentejo é a Serra, populacionalmente quase virgem, de solos rudes de xisto, hoje quase só "encalpitados" e um relevo muito montanhoso que anuncia os cumes da Picota e da Foia. Entre uma e outra zona geológica (Barrocal/Serra) terá que se referir o filão dessa rocha vermelha, o grés, ou *pedra de moelar*, que

atravessa todo o Algarve mas aqui tem maior expressão, mesmo como material construtivo, evidente na cidade, o que levou a chamá-lo *grés de Silves*. A Sul, a costa marítima de Silves é, relativamente ao interior, pouco extensa: a Ocidente, as Praias e algumas falésias de Amiação de Pêra; a Leste, a Praia Grande e as suas dunas, formando uma belíssima baía. A leste do Arade e de algumas das ribeiras suas afluentes marcam profundamente a paisagem do concelho, mesmo climaticamente, até pelas duas barragens já construídas e que tantos efeitos geraram a jusante na paisagem agrícola. A sul do Arade a parte do concelho mais populosa e rica, a maioria das 8 sedes de freguesia, a norte, a "póbre" e seca serra, a freguesia de S. Marcos da Serra. A sua quase "virgindade" demográfica é compensada do ponto de vista familiar: patos, galinhas, galos, mochos, serpentes, ostras e lacraus, coelhos e perdizes, javalis, gatos-brancos e veados, para não falar do peixe e marisco (nas

barragens além de peixe encontram-se lagostins), uma infinidade animal peço a nossa região. Floresta, pomar e praia parecem paradigmaticamente traduzir a sua divisão natural e a variedade e riqueza deste hospitaleiro concelho com cerca de 34 000 habitantes. Climaticamente, destaca-se como microclima algarvio: Verões mais quentes e secos do que junto à costa, com ventos do Sudeste (o Lavante) ou Sudoeste e Invernos mais rigorosos que no litoral mas nem por isso mais pluviosos.

Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 1922

Cota N.º

A HISTÓRIA DE SILVES E SUA REGIÃO

São antigos os vestígios da ocupação do lugar. Dos tempos pré-históricos ficaram por Silves e arredores aeneiros (Fig. 3) e artefactos testemunhando agricultura intensiva e exploração do minério de cobre. A necrópole da Idade do Bronze de Alfaroalora, na Serra,

cidade existiram os restos do que teria sido uma importante feitoria do 1.º milénio a.C., activa muitos anos depois de Cristo, muito provavelmente chamada Cilpes, com relações comerciais com o Mediterrâneo e seus civilizados povos: fenícios, gregos, cartagineses.

Da época romana poderá ser a ocupação urbana na actual colina de Silves. No entanto, foi a conquista muçulmana e a longa presença cultural que aqui manteve (sec. VIII-XIII) que marcaram profundamente a história e fôces da cidade. Fortemente muralhada, povoada por árabes e berberes, foi durante o sec. XI e XII importante pólo cultural e político do al-Gharb al-Andalus,

cidade de portas e filósofos, como Ibn Arrenar ou o rei Al-Mu'arrade. Conquistada uma primeira vez em 1182 por tropas cristãs portuguesas comandadas pelo rei Sancho I auxiliadas pelos

Cruzados, caiu novamente nas mãos dos Mouros em 1191 e só foi definitivamente conquistada para Portugal em meados do séc. XIII. Logo se tornou a capital de todo o Algarve e a sua sede episcopal e militar. No séc. XV irá ainda participar activamente nas viagens marítimas de descobrimento portuguesas. Afinal Silves era o mais importante conceelho do barlavento algarvio. A sua jurisdição administrativa, civil e religiosa, estendia-se então, embora com interrupções, até Sagres, usufruindo ainda de um relativamente importante porto e estaleiro onde ao longo dos séculos anteriores aportara certamente muita experiência e conhecimento essenciais à aventura que Diogo de Silves em meados do séc. XV ao serviço do Infante D. Henrique empreendeu: a descoberta do arquipélago dos Açores. Mas surgiam já os primeiros sinais da sua decadência. O rio, porta de ligação ao exterior, fonte da riqueza dos seus contactos,



Fig. 3 - Silves, Museu de Arqueologia, Mendres.

os menires Neolíticos do Barrocal ou os achados romanos que aumentam na zona Litoral, comprovam povoamento continuado. A 2 km a Oeste da

assoreava-se, isolava a cidade e tornava-a insalubre. Os bispos mudavam-se para Faro em 1577 e com eles se transferia o que restava da importância da cidade. No séc. XVIII o Terramoto de 1755, e depois as guerras entre liberais e absolutistas dos séculos do seguinte, que a figura local do guerrilheiro Remexido ainda lembram, reduzem a cidade a uma quase Aldeia.

Mas Silves lutava para não morrer. Na 2ª metade do séc. XIX, princípios deste, o comércio e a transformação da cortiça da serra e do vizinho Alentejo, faziam-na renascer. Tornou-se uma cidade operária e industrial, crescendo em população e novos edifícios, burgueses e operários, despertando política e culturalmente para os valores socialistas e republicanos que ainda hoje a marcam. A 1ª Guerra Mundial e o seu termo põem fim ao ciclo da cortiça e da transformação de frutos secos que uma agricultura sobretudo de sequeiro produzia. A construção

da Barragem do Arade e de importantes infra-estruturas de irrigação dão início a um novo ciclo, o da Laranja, e da citricultura de que Silves e o seu Concelho são hoje, mesmo sem grandes dividendos, capital nacional. A riqueza virgata de seu enorme interior seculares, que impetia

revitalizar, o valioso património construído, um dia talvez também acessível através do seu belo rio, o valor e beleza do seu litoral, são actualmente os principais trunfos do desenvolvimento e merecido destaque do Concelho no contexto regional.



Fig. 1 - Silves, 1ª metade do séc. XIX.

OS MONUMENTOS DE SILVES

Começemos pela Praça do Município. Estamos no limite exterior marcado pelas antigas Murallas da Medina (cidade velha moura, centro histórico) substituídas pelas actuais armadas. Em cima, os Paços do Concelho (Planta - nº 5), na sua altilha elegante revivalista do séc. XIX-XX, e cujo interior neo-mudéjar merece um olhar. A nossa mão direita a forte torre-albará conhecida por Portas da Cidade. Torreão de pura engenharia almóada do séc. XII, restaurado e readaptado várias vezes, pertenceu à muralha que rodeava toda a velha Medina e protegia a entrada da principal rua que conduzia à sua zona nobre: ao Castelo e à (Mesquita Maior) Sé, para quem a subisse, ou à beira-mar, e às suas diversas actividades, para quem a descesse. Entre-se pelo Arco e vire-se à direita para o Museu Municipal de Arqueologia (Pl. - nº10). Uma velha casa remodelada, enquadrada museologicamente numa tina peça de hidráulica mourisca: o poço-sistema, rodeado por

quase helicoidal escadaria abelhadada de acesso aos 16-20m de profundidade. Em redor, testemunhos da longa história da região, do Paleolítico ao séc. XVII, com todo destaque para o Neolítico (Fig. 3) e Idade dos Metais, bem como para a época mourisca, evidentemente. O acervo pós-reconquista foi em grande parte retirado do descalçamento do poço. Antes de sair do Museu procure saber se há alguma exposição temporária, no seu piso superior, e aproveite para descobrir mais um cantadouro da cidade de outra das suas torres albarás.

Sigamos à antiga Sé. Temos três alternativas: ou saltando ao Arco e subindo a difícil Rua da Sé (antiga Rua Direita) ou, com muito menos esforço, viremos à direita e sigamos em frente tomando o caminho da antiga Judiaria, para chegar à Matriz pela rua das Portas do Leão e Escadinhas da Porta do Sol. Em lugar de subirmos as escadinhas que dão acesso lateral à velha Sé

pela Porta do Sol, sigamos pela direita e debruçemos o olhar pelo Jardim e reconstruído torreão da Mirante. Mais um excelente miradouro sobre a cidade, sem telhados e clarvoies. Sigamos pelas escadinhas do Jardim para a Igreja mas antes de entrar demarcamos o olhar pela ábside de grés vermelho de Silves, as suas marcas de carimbo, as janelas góticas (Fig. 5 e Planta - nº2). Talvez seja mesmo boa ideia dar a volta a toda a igreja, tal desde sempre sacralizado, onde estivera a antiga mesquita grande e, quiçá,



Fig. 5 - Antiga Sé. Ábside.

Planta da Freguesia de Silves

- | | |
|------------------------------------|--------------------------|
| 1. Castelo | 6. Fátima |
| 2. Villa St. | 7. Santa Vitoria |
| 3. Igreja da Misericórdia | 8. Casas Grandes |
| 4. Igreja de N.ª Sr.ª das Mártires | 9. Cruz de Portugal |
| 5. Paço do Concelho | 10. Museu de Arqueologia |



templo romano. Podemos assim apreciar a sua mista fachada gótico-barroca. O portal gótico, encaixilhado na pedra, aqui mais clara e neta, não apesar de uma profunda erosão que era preciso cuidar, se distinguem finas esculturas de músicos e mulheres em moldura na última arquivolta, é ombreado e dominado pela pesada torre sineira e pelo frontão curvo em volutas pintadas, já do séc. XVIII, pós-terramoto de 1755 (Fig. 6).

Na sua frente a porta lateral manuelina (séc. XV-XVI) da Igreja da Misericórdia (Pl. - nº 3), com curiosa decoração humano-vegetalista e a sua porta principal renascentista (séc. XVI). Aprecie-se no interior, se aberta ao público, o cadeiral e o belo retábulo maneirista. Voltemos, para entrar na velha Sé, à pela



Fig. 6 - Antiga Sé, Fachada.

porta lateral, estilo rocaille do reinado de D. Maria I, a Porta do Sol, datada de 1781, que se faz usualmente a entrada. Ao lado direito temos a capela-mor e as laterais que resultam das obras mais antigas que decorreram do séc. XIII-XIV ao séc. XV, sobretudo neste último. É o gótico de inspiração no maior monumento em obras de então, o Mosteiro da Batalha, de onde vieram alguns dos seus cantoneiros. Nas chaves das abóbadas desta ábside de rom avistuellando os

escudos nacionais anteriores à reforma de D. João II em 1485, com dois dos escudetes virados ao centro. As naves que são três, não chegaram a ser aboboadas e a sua sobriedade decorativa, sobretudo ao nível dos pilares, mostra inflexão estilística muito própria do reinado de Afonso V, do tipo afim à igreja de Santiago de Palenca. A Capela dos Reges ou Fúnebre, de clara inspiração tardio-gótica, guarda os túmulos de dois importantes azeiteiros do séc. XV, e recorda-nos a ligação da cidade à aventura dos Descobrimentos no nome de Gastão da Ilha, ali sepultado. Outras mistérios guarda a Sé, como a sua catedral desaparecida claustro, ou mesmo a história do lugar onde se engua.

Mas saiamos agora para o Castelo (Fig. 7 e Pl. - nº 1), o Alzêver



Fig. 7 - Maralhão visto de norte.

mourisco de Silves.

Éra a zona mais nobre da cidade mourisca e o palmeiro dos seus quatro sistemas de muralhas: *Aldecer* ou *Alcagora*, *Muralhas da Cidade*, *Muralhas do Arrabalde* e *Coarage*.

Hoje é o melhor exemplar da arquitectura militar mourisca existente em Portugal. No interior das seus muros irregularmente poligonais, em grés vermelho e taipa, repousam provavelmente ainda os restos do *Palácio das Varandas*, o glorioso *Armação* dos poetas árabes. Faça-se o percurso do *adaru*, o passeio da ronda junto às ameias, das quais se goza nela vista sobre a cidade e o rio que se encaimilha para a foz. Poder-se-ão ver também de perto as vantagens estratégicas que possuíam estas torres albarrais do séc. XII, ligadas por um arco às muralhas da mesma época e que na década de 16 foram restauradas. Neste passeio passearemos perto das escavagens de um conjunto de casas muçulmanas de várias épocas

(restos do palácio?), pela *Cisterna da Moura Encantada*, pela *Porta da Traição* e por várias torres, todas elas com seu nome próprio das *Melhores*, do *Sagrado*... A maior, a norte, a torre esloquiu dos castelos mouriscos, é a de *Afen Afen*, último rei muçulmano de Silves. Espantem-se ainda os túneis de acesso aos subterrâneos, possíveis silos de armazenagem, e a profunda e misteriosa *Cisterna dos Gaens*. Seimos do Castelo em direcção a Ponte pela estreita e castiça rua da *Porta da Azóia*. O Hospital velho, logo a seguir mas um sítio arqueológico da época árabe e manuelina em vias de musealização (Rua da Arrochela), o lugar da antiga *Porta da Azóia* nas muralhas da cidade, dominando a *ingreme encosta* para a Igreja de N^o S^a dos *Mártires*. Aqui poderemos seguir dois caminhos. Se estivermos cansados, vamos pela Rua da Arrochela, encosta abaixo em direcção à *Câmara*, pela zona muito característica e pitoresca do *ensano do Centro Histórico*, em

alternativa, desça-se pela *ingreme rua* de Afonso III, vejam-se algumas das torres-albarrais da muralha da cidade no caminho até à Igreja de N^o S^a dos *Mártires* (Fig. 8 e PL – nº 4).



Fig. 8 - Igreja de N^o S^a dos *Mártires*.

Diz-se, o seu nome apoia a tradição, que foi fundada em honra e no lugar em que foram sepultados os guerreiros cristãos caídos na conquista da cidade mourisca em 1189. Porém, o que hoje se vê resulta de duas campanhas de obras mais tardias. Da época manuelina, finícios do séc. XVI, na capela-mor e corpo da igreja, do séc. XVIII, após o terramoto de 1755, no frontão e portal datado de 1789. No exterior merece atenção o fantasista desenho das suas gárgulas e os marlões chanfrados que coroam a cobertura do pequeno templo. No interior, se estiver aberto, apreender-se-á as pedras sepulcrais ali expostas e os pormenores manuelinos do arco triunfal e da abóbada de ogivas, onde se destaca, ao lado de símbolos Marianos (a Lua e o Sol), o emblema da rainha D. Leonor (o Camaroeiro), provável mentes desta obra.

À vista podemos tomar dois caminhos. Ou pelo centro da cidade, em direcção ao rio e à sua



Fig. 9 - Cruz de Portugal.

bela ponte medieval de grés vermelha, ou pela estrada por detrás dos Muros, a norte, apreciando as velhas muralhas e os contrafortes da Serra de Silves rumo ao cruzado em estilo manuelino evocado por Cruz de Portugal (Fig. 9 e Pl. - nº 9). Obra-prima do nosso gosto manuelino mais popular, apresenta-nos duas cenas da Paixão de Cristo, muito ao modo do que se fazia nos inícios do séc. XVI, de um lado a Pietà, do outro a Descida da Cruz. O suave esfareado, já muito desgastado, sobretudo nas figuras que enquadram as cenas, apresenta ainda assim uma beleza muito particular, o que faz desta obra uma das mais pitorescas do género. Misteriosa continua o nome, de Portugal, explicável de dois modos: ou porque se situava junto à estrada que ao assim chamado Reino de Portugal conduzia, ou porque ali fora feita e depois trazida para o Algarve, então considerado como Reino.

Encantir-hemo-nos agora pela avenida marginal até à ponte nova. No caminho talvez possamos parar para visitar o pequeno mas muito interessante teatro dos inícios do século chamado *Mazarenhas Gregório*, no sítio de que foi uma "ilha" operária da cidade.

Se já conhecemos a baixa burguesa da cidade de Oitocentos, nas traseiras do Mercado Municipal, podemos apreciar agora um pouco do rio que até Naves sente o efeito da maré. A sua velha ponte (Fig. 10 e Pl. - nº 7), hoje traseada em um arco, ainda embora possa ter corrido por ser romana e seja assim conhecida, é obra sobretudo tardo-medieval. Antes de sair da cidade impõe-se uma pequena deslocação aos Miradours do Monte da João ou do Sento de S. Miguel, a Sul, para apreciar uma soberba vista do castelo que se decanta pela encosta do Castelo (foto da capa), cabega coroadada da cidade.



Fig. 10 - Velha Ponte

NOS ARREDORES DE SILVES



De barco, próprio ou alugado, rio abaixo até Portimão, passando pelo Ilhéu de N.º S.º do Rosário e a luz de Odeloanca, pela Foz da Zorra ou pelas Pontes de Estômbar, descer o Arado é um passeio muito agradável, e que se recomenda. Sem barco, tome-se o carro a estrada da Foz de Lagos e Monchique, para apreciar as margens da linda ribeira do Odeloanca e a sua fauna silvestre. Outro pitoresco passeio é à Serra de Silves, a norte da cidade, tomando a estrada municipal n.º 502 que sai de Silves perto do Cemitério e da Cruz de Portugal (Pl. - n.º 9) e que nos leva à castiça vila de S. Marcos da Serra e à estrada Lisboa/Algarve. Ao longo dela descobrimos a beleza selvagem da Serra e da sua flora perhennada, os ribeiros e os pequenos pomares e hortas às margens daquelas ribeiras, os lugares abandonados. Descubrimos a fauna no Centro de Caça Turística e Reserva Cinegética que a C.M.S. implementou a poucos 8 km de

Silves. Vamos descobrindo outro Algarve, aldeias abandonadas como o Talardo, de medronheiros e floresta, pequenas ou grandes, barragens cheias de vida em contraste com o ambiente agreste. O mesmo veremos se um vez de rumarmos a norte, tomarmos logo a direcção de S. Bartolomeu de Messines, e a meio dozez de quilómetros virarmos para a Barragem do Arado. Atravessando os belos pomares da vinha chega-se à bonita barragem de terra que os alenteiros e transmontanos apanham e a nitricultura no concelho. Atravessando o seu paredão e seguindo por estrada de terra, afige-se a sua mais recente concorrente em tamanho e beleza, a recém-nascida Barragem do Foucho (Fig. 11), as suas nascentes e lugares pré-históricos, as suas convidativas águas azuis. Para chegar a Messines existem dois caminhos: ou regressamos pela já conhecida estrada de terra à Barragem do Arado e depois à



Fig. 11 - São Bartolomeu de Messines. Barragem do Foucho

estrada Silves/Messines ou, melhor, pouco acima das velhas casas na aldeia do Pincino, virarmos para Sul, após havido a estrada de alcatrão que nos conduz a Messines por Vale Fazeiros e Amorosa. Duas belas aldeias, enclavadas na rocha vermelha sangue do vale, o grês vulcânico de Silves. Todo este lugar evoca humanização antiga. Vales que viram nascer os primeiros povoados de agricultores e mineiros, os primeiros santuários e cemitérios de uma pujante cultura megalítica e metalúrgica.

SÃO BARTOLOMEU DE MESSINES



Chegados à terra do poeta/pedagogo João de Deus pela localidade onde tem estátua, é obrigatória uma visita à sua Casa-Museu (Fig. 12), junto à matriz. Encaminhamo-nos depois para a referida igreja que remonta à época manuelina, embora apuresse inúmeros vestígios já do séc. XVIII, nome o portal e a fachada barrocas (Fig. 13). No interior, o único conjunto quilibentista (séc. XVI) de colunas de toros torcidos presente no

Algarve, singular também por serem em gres, pedra que em Messines é rara, em todas as construções. Delicite o altar pelo pulcra e mesa da sacristia em umafiore brechado rosa da região de Monte da Boi, aprecie os altares de talha dourada, os belos painéis de azulejos sobre as capelas laterais (Fig. 14). Saiado da igreja, perambulando-se as vielas que catestam com o Souto da Parede Grande e se alongam passando o Arco do Remexido. Aproveite alguma da subocivente

arquitectura popular. Passemos pela antiga ermida de S. Sebastião, santuário protector contra pestes e maledis erguido, talvez ainda no séc. XVI, à entrada Nascente da povoação. Voltando novamente ao conção da vila pela rua do Cemitério (lugar onde se conserva uma abandonada capela do séc. XVI), viemos para o Mercado e Cinema, para uma das mais movimentadas e características ruas do



Fig. 12 - Casa-Museu do João de Deus



Fig. 13 - Igreja Matriz

Messines. Precisamos decidir-mo-nos: ou rumamos a ocidente, por onde entrámos, para visitar as isoladas Ermidas de S. Pedro e, mais além, a de Santana, nos seus magníficos enquadramentos paisagísticos, ou dirigimo-nos para Sul, e subimos

para apreciar o soberbo panorama que se vislumbra sobre a vila desde a Encosta do N.º S.º da Saúde. Templo do séc. XVIII, local de romarias, dizem ter sido o lugar previsto para a construção da primitiva matriz, não fosse o santo, na lenda, se manifestar a favor do lugar onde hoje está. A Freguesia de Messines é rica em achados arqueológicos. Lugares como Gregórios, Comenda, Picalho, Benaciste, Vale Pozzirus, Pancho ou Abontias, atestam presenças pré-históricas importante, quer atráida pela fertilidade dos terrenos, quer pela sua riqueza em cobre. Algumas das mais importantes estelas que apresentam regista em *Escrita do Sudoeste Peninsular*, ainda hoje indecifrada, e alguns menires, saíram de Benaciste e outros lugares e estão hoje no Museu de Arqueologia de Silves (Fig. 3). Minérios (cobre e ferro) e rochas (grés e mármore irreluíados) são apenas duas das riquezas que a freguesia ainda apresenta. Hoje é sobretudo a produção de citrinos,

a silvicultura e pastorícia, bem como a sua selvagem riqueza paisagística, turística e Ecológica, que lhe garantem um promissor futuro.



Fig. 14 - Matriz. Painel de azulejos.

SÃO MARCOS DA SERRA

A freguesia de S. Marcos situa-se na parte norte do concelho, fazendo fronteira com o Alentejo. Como o seu nome indica encontra-se já na Serra algarvia, na estrada de ligação a Lisboa. À beira da ribeira do Odelouca, que lhe dá nome a muitos lugares, S. Marcos destaca-se com o casario branco pela colina em que assenta (Fig. 15). Subindo as suas ruas, aparecem-se as tradicionais chaminés, a simpatia do seu povo. No ponto mais alto, larga panorâmica sobre a serra e a Igreja Matriz. Remonta esta por

certo ao séc. XVI, época da sua curiosa e bela pia baptismal (Fig. 16). Repare-se ainda no singelo mas representativo altar barroco da sua capela-mor. No largo da igreja ainda, do seu lado noroeste, não se perca a conhecida e antiga chaminé tradicional (Fig. 17). Nos arredores existem interessantes lugares a visitar: a aldeia do Boão, as margens do Odelouca, as estradas que conduzem a Silves, ao Alferce ou à Nave Redonda. Prove-se a boa aguardente de medronho e o excelente mel da região.



Fig. 15 - S. Marcos da Serra.



Fig. 16 - Matriz. Pia baptismal.



Fig. 17 - Chaminé Antiga.

ALGOZ

O topónimo algoz deriva para alguns de camasca, para outros de uma tribo oriental com nome semelhante. Lugar de origem muito antiga, foi povoado desde a época pré-histórica como o testificam várias achadas (Amoneira, Peneda Gordo). Riqueza mineira, abrigos/grutas e lagos naturais foram excelentes atractivos noutros tempos. Hoje a pequena vila luta contra a sua interioridade e isolamento. Apesar disso, ou talvez por isso, existe ainda alguns bons exemplares de arquitectura tradicional (Fig. 18) e religiosa que memora uma



Fig. 18 - Pormenor de platibanda.



Fig. 19 - Igreja Matriz. Curo neoclássico.

visita. A Igreja Matriz, dedicada a N.ª S.ª da Piedade, pelo seus belos retábulos barrocos, com neoclássico (Fig. 19), alfama religiosa. Ainda na vila, alguns bons exemplares de arquitectura popular com raízes no séc. XVI, XVII e XVIII (dos uncios deste último refira-se o Celeiro do Monte da Piedade, rico exemplo de depósito comunitário) e a Ermiada de S. Sebastião, simples mas gracioso templo de uma só nave. Nos arredores, em posição dominante que lhe confere majestosa panorâmica, a Ermiada

de N.ª S.ª do Pilar. No seu interior, admira-se o belo retábulo (Fig. 20) e a suave curvatura da cúpula, obras do séc. XVIII. A freguesia guarda ainda outros interessantes lugares: o Poço dos Bois e a sua velha ponte, a Lagoa da Navarro e do Viso, o sítio do Penedo Gordo, as grutas do Goivé (Algoz/Tunes), os restos de uma tradicional e importante indústria cerâmica.



Fig. 20 - Ermiada de N.ª S.ª do Pilar.

TUNES

A mais recente das freguesias, das oito que perfazem o concelho de Silves, foi criada a partir da freguesia de Aljezur em 1985. A presença do nó ferroviário que liga a linha do Algarve a Lisboa (Fig. 21), a construção da central Termo-Eléctrica na década de Senta e, mais recentemente, a passagem da estrada N°1, sempre auguraram bom futuro industrial para a zona. Até agora adiado.



Fig. 21 - Nó ferroviário e gare dos inícios do século.

Com a construção da linha de caminho-de-ferro e os bairros anexos a ela ligados, da Igreja de N° S° de Fátima (Fig. 22) em 1929 e, em 1932, a fundação da Sociedade Recreativa e Desportiva Tunense, a população e a povoação foram crescendo, face à vizinha e característica aldeia de Tunes a quem tomou o nome. No alto do Souto da Guaiç, lugar de grutas imponentes, aparece-se longa vista.



Fig. 22 - Igreja de N° S° de Fátima.

ALCANTARILHA

Junto à estrada nacional nº 125 Alcantarilha fascina pelo seu harmonioso sítio (Fig. 23) e pelas típicas casas que ainda conserva. O seu nome significa em árabe «ponte pequena», o que não espanta, brecha que é pela ribeira do mesmo nome. A simplicidade de algumas casas contrasta com a elegância nóbre de outras. Rodeada de muralhas nas finais do séc. XVI para a defender dos ataques da pirataria que sempre rondou as costas algarvias, destas somente restam algumas ruínas. Ficaram no entanto alguns restos da arquitectura civil de então, presentes sobretudo nas cantarias decoradas que aqui e além vamos encontrando (Fig. 24). Destacando-se do casario pela sua altura, a Igreja Matriz. Na sua maior parte é um edifício do séc. XVI, como desde logo se constata na capela-mor em estilo manuelino (Fig. 26). Exteriormente, e na da anexa, uma pequena Capela dos Ossos intriga pela originalidade mórbida da

decoração (Fig. 25). Veja-se ainda a Igreja da Misericórdia e o seu retábulo de talha dourada ou a Igreja de N.º S.º do Carmo, à entrada sul da vila. Nas ruas que conduzem aos campos em redor, descobrimos a

beleza singela das casas, brancas de branco ou decoradas a azulejo, os chaminés e as noras, enfim as hortas.



Fig. 23 - Alcantarilha.



Fig. 25 - Matriz, Capela dos Ossos.



Fig. 24 - Porta Manuelina.



Fig. 26 - Matriz, Capela-mor.

PÊRA

Localidade muito antiga, Pêra guarda ainda muitos motivos para ser visitada. Entre os monumentos referem-se a Igreja Matriz do Espírito Santo e a de S. Francisco. Na primeira o destaque vai para os azulejos histriados, os retábulos barrocos do altar-mor, das capelas laterais e da sacristia (Fig. 26), representativos da talha decorada nacional, ou ainda para o cadeiral do coro (Fig. 27).



Fig. 27 - Matriz. Cadeiral do Coro.



Fig. 28 - Matriz. Retábulo e urna na Sacristia.

na de S. Francisco, a necessitar urgente restauro; mais uma vez a talha domada do séc. XVIII, os alçados pintados na espelha-mor, as telas do conhecido pintor algarvio, Rosquillo. Vale a pena um passeio pelas estreitas ruas de Péra, pitorescas ruas de casas típicas algarvias, caiadas de branco ou pintadas de cores vivas (Fig. 29), platibandas geometricamente decoradas, chaminés e outros pormenores originais (Fig. 30). Bem perto os areais e as dunas da imensa Praia Grande e a riqueza faunística da Lagoa dos Salgados (Fig. 31) e da foz da Ribeira de Alcantarilha, cultura local de povoamento pré-histórico.



Fig. 29 - Casa típica.



Fig. 30 - Córrega zoomórfica em madeira



Fig. 31 - Lagoa dos Salgados.

ARMAÇÃO DE PÊRA



Nascida da vizinha Pêra, Armação de Pera o seu nome do aparelho de pesca que os homens desta terra ali montavam e do qual viviam. Para proteger esta riqueza piscícola, mas também agrícola, sempre coligada, são testemunho as muralhas de Alcantarilha e a fortaleza de S.^o António, como muitas outras vigílias (aralutas) por essa costa fora. Tempos de pirataria, roubo e rapto. Teques a rebute, ataques, mortes e desaparecidos no mar. A fortaleza, a sua pequena igreja do



Fig. 32 - Capela de S.^o António na Fortaleza.

século XVII (Fig. 32), e a praia, onde variavam as coubarções e os apotechos dos pescadores são os primitivos pólos a partir dos quais cresceu a vila. Hoje é uma cosmopolita área de turismo, a antiga estância balnear de muelle (Fig. 33), com duas



Fig. 33 - Praia.

terras bem distintas em termos urbanísticos: uma primeira, à beira da praia, mais antiga e pitoresca, mais popular, mas aqui por isso mal servida de instalações comerciais, onde termina a falésia e se estendem os coloridos barrcos dos pescadores que em Agosto participam na original procissão marítima de N.^o S.^o dos Navegantes



Fig. 34 - Barco de Pesca.

(Fig. 34); a outra, a ponte, mais moderna, onde hotéis, apartamentos ou serviços, encerrados parte do ano, dispõem cada palmo de terra elevando-se em altura. Do histórico interesse e importância para o crescimento e renovação turística da vila o edifício do velho Casino, algumas moradias



Fig. 35 - Chefe.

da burguesia industrial silvense, entre as quais o destacado Chefe das Palmeiras (Fig. 35), ou mesmo a moderna mas revivalista igreja paroquial. Deste lado, a ponta do excelente espiridónio que é a fortaleza do séc. XVII, a costa é já rochosa, de mil tons nuares e rubros que o antedecor engaudere. Passeio obrigatório é o que se pode fazer até à bela praia de N.ª S.ª da Rocha, já no concelho de Laga. Por terra, toma-se a estrada que segue para

Parehas, virando pouco depois à esquerda. Antes de descer à praia visite-se o singelo mas outrora tão importante santuário de N.ª S.ª da Rocha (Fig. 36), local de peregrinação muito antigo, pré-islâmico, como o atestam variados testemunhos arqueológicos ali encontrados. A Igrejainha, embora ateste na sua cúpula reconstrução do séc. XVI, ainda conserva nas colunas de entalhe elementos mais antigos. Por mar, aliando um dos

característicos barcos dos pescadores, não se perde um passo pela recortada costa que a todo o momento nos surpreende pelas belíssimas grutas (Potal, Mesquita...) ou praias, de outro modo magníficas.



Fig. 36 - Ermiada de N.ª S.ª da Rocha.

SILVES *Algarve + Portugal*

Ficha Técnica

Assim: Manuel Francisco Casado Barrio

Fotografia: Milla Barros

Desenho: Margarida Carvalhães

Design Gráfico: Ana Design Lda.

Pré-impressão: Litoart - Artes Gráficas Lda.

Impressão: Expres - Artes Gráficas Lda.

Apoio: Delegação Regional do Algarve do Ministério da Cultura

Câmara Municipal de Silves, Junta de Freguesias de Silves

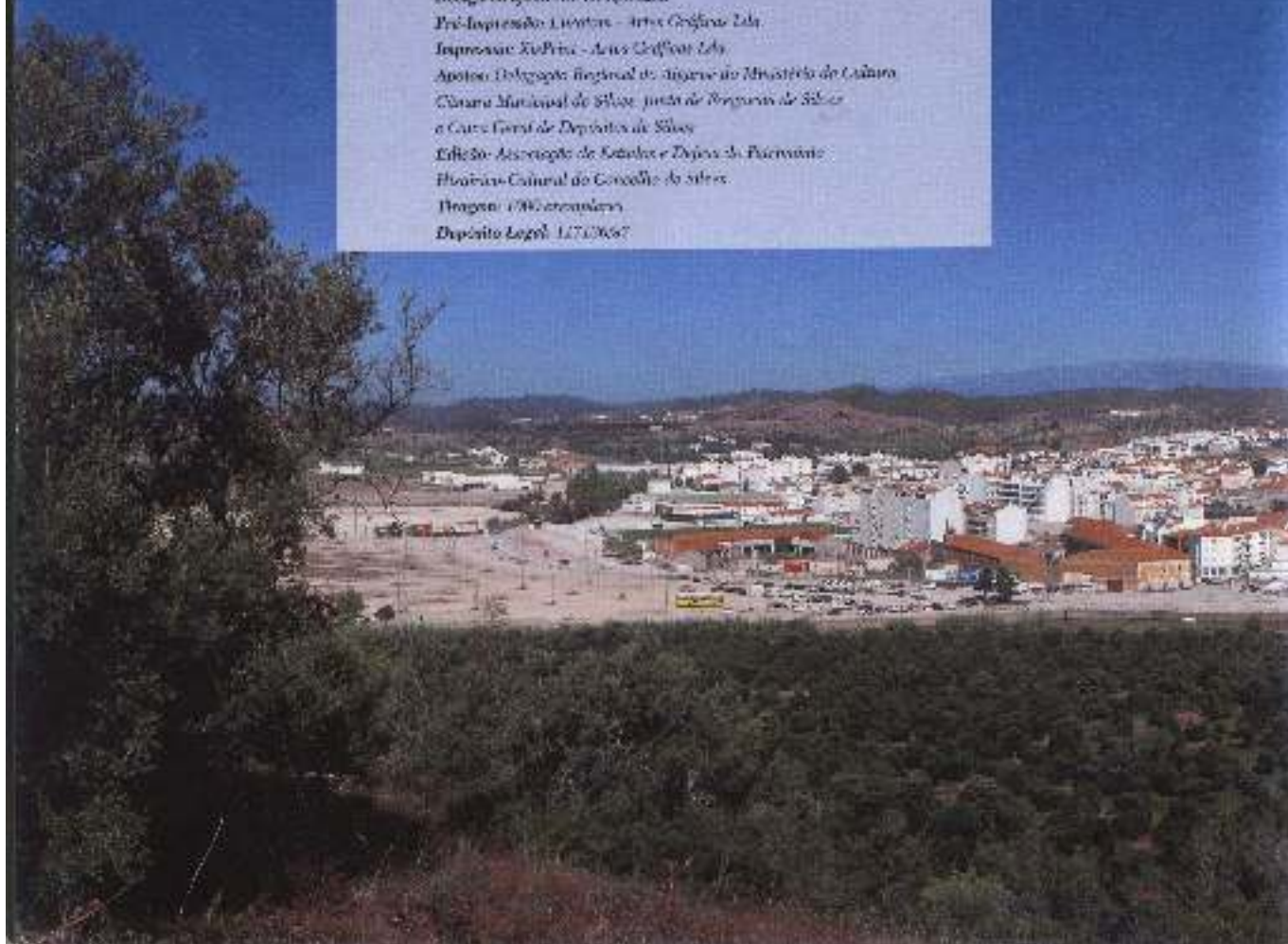
e Centro Geral de Depósitos de Silves

Edição: Associação de Estúdios e Depões do Património

Plataforma Cultural do Concelho de Silves

Preço: 1,00€ encadernado

Depósito Legal: 147436/97



ARMAÇÃO DE PÊRA



Nascida da vizinha Pêra, Armação de Pêra o seu nome do aparelho de pesca que os homens desta terra ali montavam e do qual viviam. Para proteger esta riqueza piscícola, mas também agrícola, sempre coligada, são testemunho as muralhas de Alcantarilha e a fortaleza de S.^o António, como muitas outras vigílias (aralutas) por essa costa fora. Tempos de pirataria, roubo e rapto. Teques a rebute, ataques, mortes e desaparecidos no mar. A fortaleza, a sua pequena igreja do



Fig. 32 - Capela de S.^o António na Fortaleza.

século XVII (Fig. 32), e a praia, onde variavam as coubarções e os apotechos dos pescadores são os primitivos pólos a partir dos quais cresceu a vila. Hoje é uma cosmopolita área de turismo, a antiga estância balnear de muelle (Fig. 33), com duas



Fig. 33 - Praia.

terras bem distintas em termos urbanísticos: uma primeira, à beira da praia, mais antiga e pitoresca, mais popular, mas aqui por isso mal servida de instalações comerciais, onde termina a falésia e se estendem os coloridos barrcos dos pescadores que em Agosto participam na original procissão marítima de N.^o S.^o dos Navegantes



Fig. 34 - Barco de Pesca.

(Fig. 34); a outra, a ponte, mais moderna, onde hotéis, apartamentos ou serviços, encerrados parte do ano, dispõem cada palmo de terra elevando-se em altura. Do histórico interesse e importância para o crescimento e renovação turística da vila o edifício do velho Casino, algumas moradias